

## **Magal de Touba: contexto histórico e as vivências dos imigrantes senegaleses mourides em Chapecó/SC**

Magal of Touba: historical context and the experiences of senegalese mourish immigrants in Chapecó/SC

*Renilda Vicenzi<sup>1</sup>*

### **Resumo**

O texto aponta para a criação da Irmandade muçulmana negra mourides na África Ocidental por Cheikh Amadou Bamba Mbacké e seu legado, expresso, entre outros, pela comemoração religiosa denominada de Grand Magal de Touba, realizado anualmente no 18 dia do Safar (segundo mês do calendário muçulmano). Este religioso para além dos ensinamentos transmitidos pela oralidade, também os registrou em milhares de páginas guardadas na biblioteca muçulmana na cidade de Touba - Senegal, entre esses registros estão as khassidas, livros memorizados e professados durante o Magal. Estes registros também compõem a aprendizagem nas escolas corânicas. Esta celebração atravessa fronteiras e em todo lugar que há muçulmano mouride, é celebrado o Magal. Com a imigração senegalesa para o Brasil e a fixação destes imigrantes em Chapecó/SC no século XXI vivenciamos o Magal. Com aporte na pesquisa participante descrevemos brevemente sobre a grande mesquita em Touba e a celebração do Magal em Chapecó/SC.

**Palavras-chave:** Mourides; Magal de Touba; imigrantes senegaleses.

### **Abstract**

The text points to the creation of the Mourides black Muslim brotherhood in Western Africa and its legacy, expressed, among others, by the religious celebration called Grand Magal of Touba, held annually on the 18th day of Safar (second month of the Muslim calendar). This religious beyond the teachings transmitted by orality, also the records in thousands of pages kept in the Muslim library in the city of Touba - Senegal, among these records are the khassidas, memorized and professed books during the Magal. These records also compose the learning in the Quranic schools. This celebration has crossed geographical

---

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio do Sinos – UNISINOS, Rio Grande do Sul. Professora adjunta da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS / Campus Chapecó, Santa Catarina, atuando no Curso de História e no Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: reby.vicenzi@gmail.com

borders and breaks cultural barriers and today, every place where there is a Muslim Mouride, Magal is celebrated. With Senegalese immigration to Brazil and the settlement of these immigrants in Chapecó/SC in the 21st century, we started to experience Magal. Based on the participant's research, we briefly describe the great mosque in Touba and the celebration of Magal in Chapecó / SC.

**Keywords:** Mourish; Magal of Touba; senegalese immigrants.

## **Introdução**

O escritor e etnólogo, que nasceu no atual território do Mali, Hampaté Bâ nos aconselha: “Para descobrir um novo mundo, é preciso saber esquecer seu próprio mundo, do contrário o pesquisador estará simplesmente transportando seu mundo consigo ao invés de manter-se ‘à escuta’” (BÂ, 2010, p. 212). O ocidente europeu, branco e cristão por séculos escreveu, imaginou e criou discursos sobre sociedades que as considerava inferior, sem civilização, e nos legou imaginários carregados de estereótipos e racistas acerca de sociedades que não se espelhavam em suas leis e cultura, entre elas estão as sociedades africanas. Contudo, gradativamente o olhar eurocêntrico é questionado e rompido através de propostas epistemológicas a partir do descolonial. É na perspectiva embasada pelo pensamento descolonial (MIGNOLO, 2017) que questiona a universalidade da produção do conhecimento, a ênfase na imagem do colonizador e nas culturas ocidentais brancas, que invisibilizam identidades, diversidades, saberes dos considerados *outros*, como às populações africanas. Partindo do olhar descolonial, conhecemos a confraria islã dos mourides em Chapecó/SC/BR, e sua sede na cidade de Touba no território da África Ocidental – o Senegal.

Pautando-nos da metodologia da observação participante e da prática etnográfica (MATTOS; CASTRO, 2011) adentramos no universo das celebrações do Magal de Touba em Chapecó/SC e sua ligação com a cidade de Touba no Senegal. Na cidade de Chapecó acompanhamos celebrações do Magal e em Touba conhecemos espaços da grande mesquita. Para Clifford (2002, p. 38), “a experiência evoca uma presença participativa, um contato sensível com o mundo

a ser compreendido, uma relação de afinidade emocional com o povo, uma concretude de percepção”.

Foi uma imersão de quarenta dias, onde fui acolhida pelos meus familiares wolof (Diouf) residentes nas cidades de Dakar, Kaolack, Saint-Louis e Touba no Senegal. Na família além da língua wolof, é falado francês e italiano o que possibilitou minha interação com os mesmos. As visitas com observação participante registradas nos encontros e conversas informais compõem o material etnográfico do presente texto. Os diálogos foram guiados pela escuta e pela fala dos mourides<sup>2</sup> como um lugar de construção de relações.

O lugar do viajante pesquisador existe em uma relação prévia politizada com o lugar das pessoas que estão sendo estudadas (ou, para usar uma expressão contemporânea, com as pessoas 'com quem se trabalha'). [...] É um espaço de contato produzido por interesses locais, nacionais e transnacionais, da qual faz parte uma viagem de pesquisa. (CLIFFORD, 2008, p. 90 - 91).

Perpassa uma interação pessoal com opções, escolhas, recortes, mas de empatia, sensibilidade desta *tubab* (pessoa branca) com a vida e cultura dos adeptos do mouridismo. Optamos por apresentar nossa jornada a partir da chegada ao outro lado do Atlântico, a cidade e capital do Senegal - Dakar, onde vivenciamos que as imposições e as influências ocidentais não destruíram por completo as culturas tradicionais, há permanências, entre elas, das línguas. Há um cotidiano de línguas com identidades/pertencimentos familiares/grupos étnicos como o uólof, o hall-pular, o bambara, o serere, o djola e que foram e são acionadas como forma de resistência. Senegal é uma nação que se tornou independente politicamente em 04 de abril de 1960, através de uma negociação com a França e intermediada pelo escritor, poeta e político Léopold Sédar Senghor<sup>3</sup>. Com a criação da República do Senegal instituiu-se como língua oficial

---

<sup>2</sup> “Um método, um conjunto de prescrições e ritos pelos quais um guia espiritual (Murshid) transmite aos discípulos que ele inicia (murid) o acesso a uma experiência mística. [...] Na liderança está o shaykh, sucessor do primeiro iniciador, [...]” (VEINSTEIN; POPOVIC, 1985, p. 7).

<sup>3</sup> Em 1948 organizou a obra ‘L’Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache’. Obra prefaciada por Jean-Paul Sartre, com o título *Orphée noir*. Nela o conceito de *negritude* teve destaque. Foi o primeiro presidente da República do Senegal, governou de 1960 a 1980. Pertencia

o francês. Esta língua oficial é resultado do colonialismo e do retrato do colonizador naquele território. (MEMMI, 2007, p. 37-51).

No Senegal cerca de 94% da população é islamizada, e destes uma maioria pertencem à irmandade mouride. A partir do século VIII o islã árabe atingiu o continente africano pelo Norte e se ramificou para outras regiões, como a África Ocidental. Na segunda metade do século XIX com o avanço colonialista francês, tradições e a religião muçulmana resistiram e se mantiveram vivas na África Ocidental Francesa – AOF, local onde surge uma expressiva liderança religiosa muçulmana e que criou a irmandade dos Mourides, o Cheick Amadou Bamba Mbacké - o Serigne Touba. Assim, mesquitas estão dispostas em todos os locais e homens e mulheres usam vestimentas que os identificam como pertencentes a esta religião. Diariamente somos acordados (por volta das 5h) com o chamamento para a oração na mesquita.

Após o primeiro contato com mourides em Dakar seguimos nosso caminho pelo interior do país até a cidade de Touba<sup>4</sup>, onde avistamos a grande mesquita. A cidade é o centro religioso da confraria mourides, local onde reside o califa geral e onde ocorre o Grand Magal de Touba. O texto proposto está organizado em duas partes, primeiramente discorreremos acerca da origem do mouridismo e nossa visita a cidade de Touba e na sequência aspectos da imigração senegalesa e da festa do Magal de Touba em Chapecó/SC.

### **1. Mouridismo: Cheick Amadou Bamba Mbacké - Serigne Touba**

Para o historiador britânico Martin Meredith (2017, p. 177-184), na África Ocidental o islã avançou e fez maiores progressos se comparado ao cristianismo. Os processos de islamização no continente iniciaram a partir do século VIII do Chifre da África para o interior, originando os primeiros reinos muçulmanos, isto acompanhado de um intenso comércio inter-regional, ligando o deserto do Saara

---

ao Partido Socialista do Senegal.

<sup>4</sup> Ver mapa em: AZEVEDO, 2020, p. 9.

de norte a sul. Ainda, de acordo com o historiador guineense Djibril T. Niane (2010, p. 133-192), no século XI o rei de Takrūr, Wardjabi já havia se convertido ao islã. Este reino, que antes estava sob o domínio do reino de Gana, estava ligado ao comércio no rio Senegal e as minas de ouro de Galam e fora denominado pelos árabes como Sudão Ocidental. Neste mesmo século os reis de Songhai também já haviam se convertido ao islamismo, as cidades de Gao e Tombuctu (Mali) tornavam-se importantes pontos e rotas comerciais, e avançavam sobre o rio Níger. No início do século XIV, um dos mais conhecidos imperadores do reino de Mali, Mansa Mūsā I peregrinou à Meca (1325), e sua caravana ao passar pelo Cairo (Egito) distribuiu ouro, e o imperador foi recebido com honrarias de sultão.

A partir do século XV, no contexto das navegações europeias, os territórios nas bacias do rio Senegal e Gâmbia passam a ter contato com os portugueses. Estes territórios serão denominados de Senegâmbia<sup>5</sup> (parte da África Ocidental). Ali encontravam-se os povos wolof, fulbe, mande, serere, tukolor, joola, nalu, baga, tenda. Estes povos forneceram ouro, marfim, couro e foram submetidos ao tráfico negreiro. Ao longo do século XVII holandeses, ingleses e franceses rompem com o monopólio português e criaram zonas de proteção (feitorias), como em Saint-Louis e Gorrée. (REDIKER, 2011, p. 88-92).

Com a ocupação da Saint-Louis pelos franceses em meados da década de 1860 e a transformação desta feitoria em capital da África Ocidental francesa, passam a ser enviadas informações para a capital francesa da difusão do islã naquele território. Entre as literaturas colonialistas acerca do islamismo, citamos a de Paul Marty (1917), que enquanto funcionário do governo em Dakar de 1912 a 1921, escreveu que a difusão do islã contava com o auxílio dos príncipes negros e que o deserto ao ser tomado pelo comércio com os árabes, possibilitou a introdução de livros e da escrita - o Alcorão e a oração islâmica, e gradativamente autoridades espirituais se estabeleciam, entre eles, Cheikh Sidia e Serigne

---

<sup>5</sup> MOTA (2018) discute a partir da perspectiva atlântica a religião islâmica na Senegâmbia entre os séculos XVI e XVII.

Amadou Bamba. Para este autor os líderes religiosos – Cheikh, são os responsáveis pela propagação do islã e constituição de irmandades (*confrérie*) de muçulmanos negros.

De acordo com os historiadores Mamadou Diouf e Mara A. Leichtman (2009, p. 1-2), após a publicação dos estudos de Paul Marty em 1917, a literatura passou a distinguir o islã árabe do islã negro. No entanto, os estudos baseados em Paul Marty são insuficientes e carecem da análise do contexto social e político da Senegâmbia, como a compreensão das irmandades em áreas rurais que diferem das irmandades das áreas urbanas. Especificamente, os historiadores citam a região de povoamento wolof, ligados a produção agrícola de amendoim e comandadas por líderes muçulmanos; e o islã urbano, no caso de Saint-Louis, alfabetizado, árabe e ortodoxo.

Outro fator carente nas obras de Marty são as estruturas culturais e tradicionais que antecedem o domínio colonial francês e que desafiaram os governos coloniais e os religiosos islâmicos. Segundo Thiago Mota:

Africanização, berberização, indianização ou qualquer outra adequação do Islã a substratos locais - incluindo sua arabização - são transformações sociais das religiões vividas em sociedades autônomas, que se organizam e se transformam a partir da confluência de fatores internos e externos. Foram as apropriações, leituras e desejos africanos que garantiram a vitalidade do Islã naquele continente, uma vez que, ao adotá-lo, ele passava a atender às demandas de seus novos aderentes. Estes, por sua vez, enriqueciam a expressão religiosa islâmica com novas práticas, atribuíam novos sentidos a ritos antigos e o faziam em acordo com as prescrições do *Alcorão*, da *xaria* e da *Sunade Maomé*. (MOTA, 2018, p. 35-36).

A conversão e a prática religiosa eram respostas às complexas dinâmicas internas e as influências externas nas sociedades africanas, significando a busca por poderes espirituais que possam auxiliar nas adversidades e quiçá uma transformação nos significados e nas práticas sociais. Assim, a irmandade dos mourides está inserida no contexto sócio-histórico-político da difusão do islã com a pertença dos africanos e da posterior ocupação da África Ocidental pelos

franceses.

Enquanto no Império do Brasil a preocupação de senhores e comerciantes de homens escravizados era com já aprovada lei Eusébio de Queirós (1850), que proibia o tráfico negreiro no Atlântico e provocava alterações na dinâmica interna da mão de obra, do outro lado do Atlântico nascia Amadou Bamba Mbacké. Amadou Bamba nasceu na vila de Mbacke que pertencia ao estado Baol, no reino de Wolof em 1853, numa família de religiosos marabus<sup>6</sup>. Ali viveu até o início de sua juventude. No final da década de 1860 mudou-se para Cayor e passou a conviver com a família real daquele estado e se dedicar aos estudos religiosos – estudos corânicos. Seu pai pertencia ao grupo de homens denominados de conselheiros do rei. Após o contato com a realeza e a vida política, Amadou Bamba decidiu não seguir os passos do pai e passou a se dedicar exclusivamente aos ensinamentos religiosos muçulmanos. Retornou para Baol com seus discípulos por volta de 1886, onde intensificou a pregação muçulmana. Segundo o historiador David Robinson (2010, p. 274), entre os anos finais de 1880 e início da década de 1890 escreveu um número significativo de poemas, daí a denominação de escritor sufista<sup>7</sup> muçulmano. Lia sistematicamente o Alcorão, a Hadith e outros livros muçulmanos para seus seguidores, e desta forma foi constituindo sua comunidade de discípulos. Seus poemas, entre eles as *khasidas*, eram enviados à sua família e a seus seguidores para além da vila de Baol.

---

<sup>6</sup> “Sacerdote muçulmano de vida ascética, venerado em vida e honrado como santo após a morte; personagem santo, fundador de uma confraria islâmica”. (LOPES; MACEDO, 2017, p. 201).

<sup>7</sup> Sufismo é uma “corrente mística do islamismo, divergente da ortodoxia sunita, pois baseada numa relação pessoal com o divino através de um culto íntimo de Maomé e de sua mensagem. O termo provém da palavra árabe *sufi*, que designa uma pessoa piedosa, que não almeja bens e honras. [...] se difundiu para várias partes do mundo, inclusive África, do Egito à África Índica, através das cidades do litoral índico; e do Magrebe à área saariana e subsaariana. Nestes últimos locais, os ‘homens santos’ e ascetas ficaram conhecidos como ‘marabutos’ ou ‘marabus’. [...], no processo de islamização da África, enquanto os sunitas eram intransigentes em relação às tradições culturais africanas, o sufismo, pelo contrário, ganhou mais popularidade, tornando os benefícios da religião mais acessíveis às pessoas comuns”. (LOPES; MACEDO, 2017, p. 279-280).

O crescimento da comunidade muçulmana seguidora de Amadou Bamba começou a preocupar os franceses que já haviam demarcado seu território na região de povoamento dos Wolof. Em 1895 os franceses objetivando diminuir a influência de Amadou Bamba o deportaram e exilaram no Gabão, permanecendo lá até 1902. David Robinson (2010, p. 262) descreve uma passagem da viagem ao exílio: “Privado da liberdade de rezar a bordo do barco que o levava para o exílio, Bamba estendeu um tapete de oração nas ondas e rezou diante dos olhos do capitão, do administrador, do padre, que estavam no navio”.

Esta descrição compõe a tradição oral (memória viva) dos mourides e é entendida e difundida como um *milagre* de um homem cuja fé o fazia suportar sua retirada e dispersão de seu povo. Em 1903 fora novamente feito prisioneiro em Diourbel (interior do Senegal), retirado de sua comunidade e enviado para Maurîtânia, numa região pertencente ao Cheikh Sidiya, onde permaneceu até 1907, e neste mesmo ano foi enviado para a região de Louga (caminho entre Dakar e Saint-Louis) até 1912. Na sequência retornou à região de Diourbel, onde havia fundado em 1888 a cidade religiosa de Touba, continuando seus ensinamentos religiosos, aumentando o número de seguidores ao mesmo tempo que era vigiado pelos franceses. (GUÈYE, 2002, p. 15). Desde 1927 repousam os restos mortais do Cheick Amadou Bamba em Touba, e é o principal local onde seus descendentes, discípulos e seguidores mantêm o legado de seus ensinamentos e sua cultura material.

Ao entrarmos na cidade de Touba é impossível não visualizar o complexo da grande mesquita. A arquitetura urbana foi desenvolvida a partir deste templo religioso, e literalmente *todos os caminhos* nos levam a ela. Considerado um local sagrado, de muita oração, meditação, canto e caridade. As normas e costumes são baseados na sharia (leis islâmicas). Ali não há comércio e consumo de tabaco (cigarro), bebidas alcoólicas e as mulheres usam o shaila<sup>8</sup>. Há um intenso

---

<sup>8</sup> É um véu longo e retangular que é envolto ao redor da cabeça e preso na região dos ombros com alfinetes.



comércio de artigos religiosos e vestuário (tecidos). É uma população acolhedora e que compartilha suas casas e alimentos com os visitantes. O nome e a imagem de Serigne Bamba e de seus descendentes (filhos, netos)<sup>9</sup> estão em todos os lugares, em parabrisas de carros, nomes de lojas, de lancherias, de ruas, etc.

Neste complexo adentramos na biblioteca, onde há registros manuscritos do Cheikh Amadou Bamba Mbacké ou Serigne Touba como é nominado por todos que ali circulam. De acordo com seus seguidores, este líder religioso escreveu entre 7 e 8 toneladas de poemas, todos com referência à fé muçulmana. Ainda, visualizamos obras em árabe com literatura diversa e sobre o islã, literatura em francês com temáticas diversas, um pequeno acervo com objetos e utensílios do mesmo, como o Alcorão e materiais de uso em escolas corânicas.

Imagem 01: Alcorão de Serigne Touba



A imagem é uma pequena parte da grande biblioteca Daaray Kamil, localizada na área interna da grande mesquita em Touba - Senegal. No centro da imagem acima (suporte de madeira) está o Alcorão de Amadou Bamba Mbacké, obra carregada de simbologia - uma relíquia.

---

<sup>9</sup> A linhagem sucessória perpassa quase um século, então optamos por citar seus descendentes que foram califas gerais e possuem seus restos mortais em 'pequenas mesquitas' dentro do complexo da grande Mesquita: Serigne Mouhamadou Moustapha Mbacké (1931-1945) Serigne Mouhamadou Fallilou Mbacké (1945-1969), Serigne Abdou Ahad Mbacké (1969-1989), Serigne Abdou Khadr Mbacké (1989- 1990), Serigne Saliou Mbacké (1990-2007), Serigne Mouhamadou Lamine Barra Mbacké (2007-2010) e Serigne Sidi Moukhtar Mbacké (2010-2018). Até o momento, somente homens ocuparam o lugar de califa-geral, indicando a sucessão através da linhagem masculina.

Foto: acervo da autora (2018).

As escolas corânicas (écoles coraniques) são o principal meio de propagação da educação islâmica mouride. Estas escolas são denominadas de daara/dahara/dahira. Nas daaras a formação está baseada na leitura e escrita árabe, tendo como referência o Alcorão e os ritos concernentes aos cinco pilares (fé, oração, caridade, jejum e peregrinação). O ensino e a aprendizagem perpassam desde a memorização do Alcorão aos ensinamentos de Serighe Touba, e é um espaço onde formam-se continuamente discípulos.

O estudante (talibé) recebe os ensinamentos de um marabout, quer seja o professor, que é uma liderança religiosa que além de ensinar, instruir é também um cuidador.

Com cerca de cinco anos, as crianças senegalesas passam a frequentar a escola corânica, chamadas de dahara, onde ocorre a alfabetização em árabe é uma espécie de catequese do Muridismo. (...). Nessas escolas, ocorre a alfabetização em árabe. A permanência maior ou menor na escola – três a sete anos, geralmente – vai depender do desejo da família da criança. (...). Quanto maior o tempo na escola corânica, mais entendimento da língua árabe e dos preceitos religiosos terá o aprendiz. (ROSSA, 2018, p. 131).

Meninos e meninas leem textos e passagens corânicas aprimorando e aprofundando seu conhecimento sobre religião, compreendendo seus preceitos e práticas. Os mourides são na atualidade uma das maiores confrarias muçulmanas (VILLALÓN, 1995, p. 244-265), e isto pode ser explicado, entre outros, por sua organização ao longo do século XX que ultrapassou os muros religiosos e chegou ao universo político no Senegal, e pela metodologia de ensino nas escolas corânicas, que se aporta na memorização e faz com que os ensinamentos acompanhem o indivíduo por onde for e pela vida toda.

De frente e à direita da entrada principal da grande mesquita em Touba fica a residência do califa geral. Segundo Guèye (2002, p. 15) “líder supremo é o califa geral, herdeiro biológico, mas sobretudo espiritual do fundador”. Este local

abriga estudantes/discípulos, e também é possível ver e receber a bênção *sagrada* do religioso.

Imagem 02: Serigne Mountakha Bassiron Mbacké



Serigne Mountakla Bassirou Mbacké (com hijab e roupas brancas), ele é o oitavo califa geral da confraria mourides, neto mais velho de Serigne Touba, ele assumiu a missão em 10 de janeiro de 2018 com 85 anos. Para sua segurança, pois os fiéis se amontoam e tentam tocá-lo, ele permanece em um espaço cercado, primeiramente os homens recebem sua bênção e após mulheres e crianças.

Fonte: Acervo da autora (2018).

De acordo com Guèye (2002, p. 181-186), o califa geral tem atuação e representação simbólica, espiritual e temporal, ou seja, no poder simbólico ele representa a continuidade do fundador; é o guia da espiritualidade suprema e o transmissor dos deveres religiosos para com deus - Alá; No âmbito temporal são as funções políticas, sociais e econômicas exercidas no interior da confraria e a responsabilidade com o universo externo (Estado). Entre as muitas atribuições do líder religioso mouride, está a continuidade dos ensinamentos do islamismo através das escolas corânicas e a realização/organização do Grand Magal de Touba.

O Magal é uma celebração religiosa em forma de peregrinação, que os fiéis mourides e de outras confrarias islâmicas presentes, especialmente na África Ocidental, fazem ao local sagrado de vida, vivências e morte de Serigne Bamba. Com a morte de Serigne Bamba (1927), houve um período de transição, negociações e dispersão de mourides, mas em 1931 assume o califado

Mouhamadou Moustapha Mbacké e retoma os ensinamentos e pregações de seu pai. Era o início de uma nova fase da confraria e para mobilizar os fiéis a grande mesquita começou a ganhar contornos. Este califa alterou a data e o sentido do Magal (peregrinação) de Touba. Não era mais comemorado a partida ao exílio de Serigne Bamba ao Gabão, mas sua morte (luto), retirando a data do 18 dia do Safar (segundo mês calendário lunar muçulmano - exílio) para o dia 19 do Moharram (primeiro mês do calendário lunar muçulmano - morte). Seu sucessor e irmão, o Serigne Falliou, para marcar o início de seu califado e afirmar sua fé na confraria, restabeleceu a data (18 dia do Safar) e o sentido do Magal como seu pai havia criado, de peregrinação e para marcar seu exílio ao Gabão. (GUÈYE, 2002, p. 188-192).

O Grand Magal de Touba segundo os adeptos do mouridismo é a celebração mais importante da irmandade, que congrega orações, exaltação coletiva, cantos e o recitar que entrelaçam o sagrado e a memória. Este momento faz com que mourides viagem até Touba, e os que residem em outros países, como o Brasil, havendo possibilidades retornam à Touba para celebrar, e os imigrantes mourides que não tem condições de retornar a realizam junto aos seus irmãos de fé nas cidades onde residem<sup>10</sup>.

## **2. Mouridismo além fronteiras: inserção em Chapecó/SC**

A história da humanidade e a história da mobilidade humana não são dissociadas. Os migrantes não são uma multidão indistinta, mas pessoas, indivíduos e milhões em todo o mundo. São homens, mulheres, idosos, crianças que constroem suas mobilidades por várias motivações, para fugir de guerras, perseguições políticas ou religiosas, da violência de gênero, da fome ou por desejar um melhor bem-estar. A migração é uma construção social que ocorre seguindo os estilos, conhecimentos e representações culturais dos migrantes, que

---

<sup>10</sup> Nos sites de busca basta digitar *Magal de Touba* para ler e assistir a esta celebração em diferentes cidades do Brasil e de outros países.

por sua vez, se faz no contato com outras culturas e em proporção crescente nesta era de globalização. (TURCO, 2018, p. 113).

Quando falamos em imigrações/migrações de africanos, em geral, remetesse às imagens divulgadas nos meios de comunicação, com crianças, mulheres e homens negras/os à deriva ou naufrágios na costa europeia do mar Mediterrâneo, e isso vem acompanhado, em geral, da informação que são africanos tentando entrar em países europeus de maneira ilegal fugindo de guerras, da fome e/ou buscando melhores condições de vida.

Sociedades africanas foram forçadas e obrigadas a processos migratórios, como a diáspora africana, onde cerca de 12 milhões chegaram à América e destes 4,8 milhões para o Brasil. Escravizados lutaram cotidianamente (individual ou coletivamente) para romper com os grilhões e legaram às sociedades americanas seu trabalho, seu conhecimento e sua cultura. Sem dúvida a escravização no mundo atlântico destruiu, violentou, exterminou sociedades, mas não podemos reduzir a história das sociedades africanas dos séculos XV ao XIX a história do tráfico negreiro. De acordo com o historiador queniano Bethwell Allan Ogot:

Muitos livros de História apresentam-no como “a era do tráfico de escravos”, superestimando a importância do fenômeno na história do continente. (...), o período 1500-1800 foi crucial para as formações sociopolíticas do continente. É nesses três séculos que a maior parte dos habitantes das diferentes regiões da África se reagrupou para formar os conjuntos sociais, econômicos, religiosos, culturais e políticos que constituem os povos africanos de hoje. (OGOT, 2010, p. 1057-1058).

Na formação destes conjuntos sociais em âmbito religioso destacamos o cristianismo e o islamismo. No que diz respeito ao islã na África Ocidental houve crescimento significativo no número de seguidores e o surgimento de líderes religiosos como Amadou Bamba.

Ainda, as ações imperialistas da França sobre a África Ocidental - Senegal, forçaram a migração para a participação de homens na linha de frente de combate nas Guerras Mundiais. Para o historiador Michael Crowder durante a Primeira Guerra Mundial:

Mais de um milhão de soldados africanos participou dessas campanhas ou de operações militares na Europa. Em número ainda maior, homens, mulheres e crianças foram recrutados, muitas vezes à força, para servir como carregadores em exércitos cujos suprimentos não podiam ser transportados por meios convencionais, como estradas, ferrovias e bestas de carga. (CROWDWER, 2010, p. 319).

Na Segunda Guerra Mundial a participação dos africanos ocorre de múltiplas formas, com homens lutando em solo europeu e a guerra em solo africano (Chifre da África e África Setentrional). Nas colônias francesas, segundo o historiador senegalês Majhemout Diop, a partir de 1930 eram cada vez mais intensos o recrutamento e o alistamento militar,

homens foram recrutados anualmente e incorporados aos regimentos de “tirailleurs sénégalais” [Soldado pertencente a certas tropas de infantaria, fora do território metropolitano, formadas de autóctones enquadrados por franceses], incorporando todos os soldados negros das possessões francesas, sem distinção de origem. (DIOP, 2010, p. 77).

Além de homens, eram enviados do continente africano matérias-primas e gêneros alimentícios. Ao mesmo tempo que o governo francês oferecia *vantagens* aos africanos que quisessem permanecer em solo francês para trabalhar exaustivamente em minas, em fábricas de aço, na indústria mecânica, têxtil, limpeza de ruas<sup>11</sup>.

Para pesquisadores como Majhemout Diop, David Birmingham, Ivan Hrbek, Alfredo Margarido e Djibril Tamsir Niane (2010), findada a guerra havia um histórico de mobilização maior. O período de 1935 a 1945 nas colônias francesas aumentou a resistência ao imperialismo, com o impulso do nacionalismo, das organizações políticas, da imprensa nacionalista, sindicatos e movimentos cooperativistas. E estes fatores possibilitaram movimentos de libertação (independências). Contudo o avanço da economia capitalista em

---

<sup>11</sup> A escritora Françoise Vergés (2020, p. 18) ao analisar o trabalho de mulheres negras na França enfatiza: “Todos os dias, em todo lugar, milhares de mulheres negras, racializadas, ‘abrem a cidade’. Elas limpam os espaços de que o patriarcado e o capitalismo neoliberal precisam funcionar”.

regiões (países) periféricas criou uma nova disposição a mobilidade interna e externa. (OLIVEIRA; CARREIRA, 2014, p. 55).

No Senegal os movimentos populacionais após a libertação (independência) são de escalas diferentes, foram desde as áreas rurais da bacia do amendoim, do vale do rio Senegal e das cidades costeiras, e com a crise agrícola e problemas climáticos nas décadas de 1970 e 1980, aumentou o fluxo para as cidades e a migração internacional. Foram migrações sazonais para países da África Ocidental como Mauritânia e Mali, onde há uma proximidade linguística e de ancestralidade; e, em busca de um retorno econômico maior buscava-se países europeus (França, Espanha, Itália, Inglaterra).

Com a proximidade do século XXI, num contexto de crise do capital globalizado, países europeus aumentam as restrições e barreiras para imigrantes africanos. Isso fez com que o continente americano passasse a ser uma opção de imigração, e o Brasil é um dos destinos buscados por imigrantes da África, entre eles os senegaleses<sup>12</sup>. Segundo Jung:

O início e o crescimento da imigração senegalesa no Brasil aconteceram num momento em que grande parte do mundo passava por uma forte crise econômica, cujos impactos afetaram o Brasil apenas alguns anos depois, e enquanto a securitização das fronteiras europeias no espaço mediterrâneo se intensificou, as políticas de imigração na Europa e nos EUA endureciam. (JUNG, 2019, p. 55).

No Brasil, de acordo com as informações disponibilizadas pelo CONARE, de 2011 a 2018 foram registrados 774,2 mil imigrantes. A maior concentração de imigrantes está na região Sudeste com 55,1%, seguida da região Sul com 20,5%. O número de pedidos de refúgio de senegaleses de 2010 a 2018 foi de 8.140<sup>13</sup>. Os caminhos percorridos desde sua terra natal até o estabelecimento no Brasil são

---

<sup>12</sup> O Senegal possui uma população de 15,8 milhões de habitantes e cerca de 559.952 pessoas, o equivalente a 3,53%, estão fora de seu território. (RABASA; FONNEGRA, 2019, p. 111).

<sup>13</sup> Refúgio em números e publicações. 1ª edição 2010 a 2015; 2ª edição 2016; 3ª edição 2017; 4ª edição 2018. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros>. Acesso em: 15 dez. 2019.

longos. São etapas a serem vencidas: o contexto familiar na saída; passando por lugares desconhecidos; a chegada e a solicitação de refúgio; a adaptação e o estabelecimento. Em geral os imigrantes senegaleses são jovens e em sua maioria do sexo masculino, esta é uma característica comum no âmbito das migrações, pois estão em condições (físicas) de suportar adversidades, maior facilidade de adaptação, aprendizagem e de conseguir se inserir no mundo do trabalho (emprego). Também compõe a cultura destes estrangeiros enviar parte de sua renda aos familiares.

As migrações modificaram a vida rural e citadina no Senegal, entre as mudanças está a influência cada vez maior do modo de vida ocidental, contudo estas mudanças não apagaram comportamentos, valores socioculturais ancestrais, como a língua e a religiosidade que acompanham o indivíduo que migra. (SKHO, 2018, s/p).

No contexto migratório de indivíduos e suas culturas, tivemos a partir de 2010 a chegada de senegaleses na cidade de Chapecó/SC. Chapecó é um território que vem sendo formado desde o final do século XIX por homens e mulheres de diferentes culturas. Cabe aqui nominar que a história de Chapecó foi e é realizada por indivíduos que migram. Este território teve ocupação primeira de indígenas (Kaingang), do avanço da ocupação dos Campos de Palmas, dos descendentes de italianos e alemães sul rio-grandenses (séc. XX), e no século XXI simultaneamente aos senegaleses outras nacionalidades africanas, e em números significativos negras/negros do Caribe - haitianas/os, e a partir de 2018 venezuelanos e colombianos.

Ainda, os imigrantes senegaleses ao escolherem a cidade de Chapecó para trabalhar e (con)viver foram impactados pelo discurso do colonizador alicerçado na matriz do colono branco, cristão e na invisibilidade de outras culturas (VICENZI; PICOLI, 2020, p. 31-37). Eles são homens negros e muçulmanos com herança cultural que descaracteriza o discurso hegemônico (branqueamento e racista) local.



Os pesquisadores João Carlos Tedesco (2019) e Vania B. M. Herédia (2015) ao analisarem as redes de trabalho (emprego e a venda ambulante) de senegaleses nas regiões de Passo Fundo e Caxias do Sul/RS, utilizam o conceito de migração laboral, que está de acordo com o fator de escolha da cidade de Chapecó, que é o trabalho, principalmente, nas agroindústrias (BRF<sup>14</sup> e Aurora<sup>15</sup>). Entendemos por migração laboral o fenômeno de migrar buscando melhorar as condições econômico-sociais de vida para si e sua família e quiçá retornar com garantias de estabilidade econômica.

Mas, para além das atividades laborais dos senegaleses em Chapecó os congrega eventos religiosos, e aqui especificamente o Magal de Touba, pois neste momento todos os mourides<sup>16</sup> se fazem presente. Não acompanhamos o Magal na cidade de Touba, mas observamos em Chapecó, que é realizado desde o ano de 2013, com interrupção em 2020 em função das restrições da pandemia Covid-19, conforme descrevemos a seguir.

A organização do Magal de Touba começa semanas antes do dia do 18 safar definido no calendário islâmico, com a preparação e atribuições entre os mourides das atividades a serem realizadas: qual será local de realização, como será realizada a divulgação, quem realiza a compra de alimentos, os responsáveis pela ornamentação, pela recepção e preparação dos alimentos no dia do Magal. A próxima etapa é a distribuição de convites à comunidade com ênfase para a oportunidade em conhecer a cultura, a religião, a língua e a culinária desses imigrantes. Na noite que antecede a celebração ocorre a ornamentação do local com elementos que identificam a religiosidade muçulmana mouride e a nacionalidade senegalesa e iniciam os preparativos dos alimentos que serão servidos no dia seguinte.

---

<sup>14</sup> Ver: <https://www.brf-global.com/>

<sup>15</sup> Ver: <https://www.auroraalimentos.com.br/>

<sup>16</sup> Em Chapecó os senegaleses formaram em 2015 a Associação dos Senegaleses, e de acordo com as informações de sua diretoria o número de senegaleses que residem varia entre 40 e 50 pessoas.

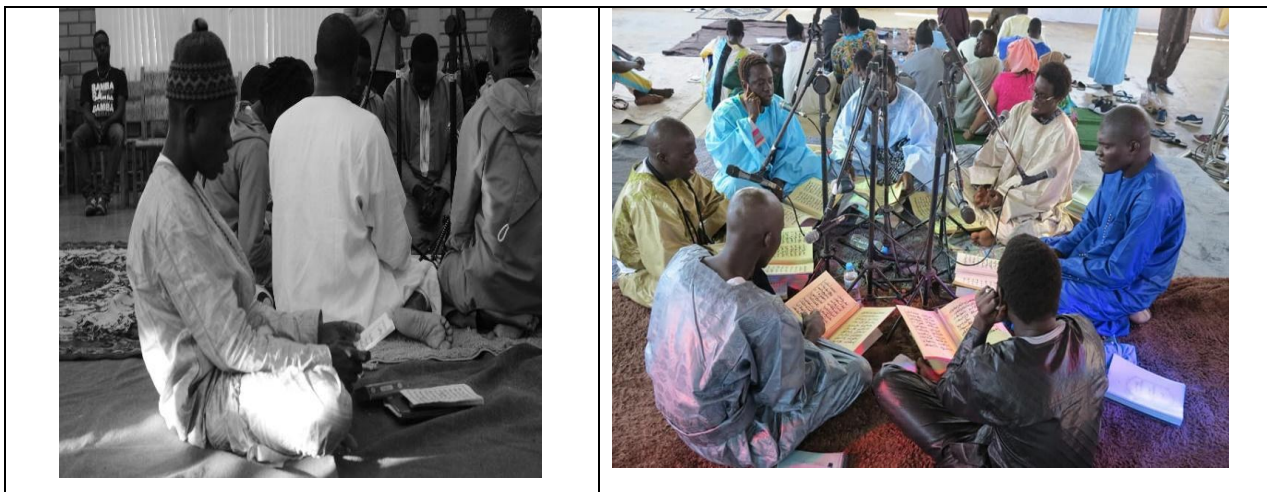
Chegado o dia, o evento inicia com o café da manhã seguido de oração, almoço gratuito, conferência sobre a história do islã e dos mourides, oração, jantar e encerramento. Há a participação de mourides que vivem em cidades próximas (Xaxim, Seara, Pinhalzinho, Abelardo Luz), de familiares e amigos. Todo custo para efetivação deste grande encontro é financiado pelos discípulos muçulmanos mourides, que compartilham entre si e com os participantes/convidados. A oração, a caridade e o compartilhar são vivenciados nesta celebração. A alimentação no Magal em Chapecó, em geral, é preparada para cerca de 150 pessoas e consiste em: O café da manhã (7h às 9h) serve-se o café com cravo da índia, leite com menta, pão, thiacrie (leite, iogurte, açúcar e flocos de soja) e frutas; O almoço (12h às 14h) com grande quantidade de carne de frango e gado assada, arroz com carne de cordeiro, arroz branco com molho de cebola e pimenta, saladas (alface, tomate), pães, refrigerantes, água. Sobremesa com frutas e bolo. O jantar (18h às 19h30) com carne de frango assada, arroz com molho de cebola e pimenta, saladas (alface, tomate), pães, refrigerantes, água e a sobremesa de frutas. Além da alimentação no local da festa, no ano de 2019<sup>17</sup> houve a distribuição de marmitas no centro da cidade.

Chama atenção de quem transita pela rua ou reside próximo ao local de realização do Magal de Touba (não há um lugar específico de realização, em geral nos clubes de associações de empresas onde trabalham senegaleses, como GER Sadia, SER Aurora) o modo como estes muçulmanos se vestem, ou em suas palavras, *de roupa africana*: o colorido dos trajes típicos como as túnicas conhecidas como *boubou* ou *bubu*, e o *kruss* (em wolof) ou *chapelet* (em francês) que é o rosário muçulmano com o qual se pode contar/repetir as orações.

---

<sup>17</sup> Reportagem sobre o Magal de Touba em Chapecó – 2019: [http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/jornal-do-almoco/videos/t/edicoes/v/chapeco-recebe-cerimonia-da-cultura-senegalesa/8011493/?mais\\_vistos=1](http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/jornal-do-almoco/videos/t/edicoes/v/chapeco-recebe-cerimonia-da-cultura-senegalesa/8011493/?mais_vistos=1). Acesso em: 20 nov. 2019.

Imagem 03: Recitando khassidas – Magal de Touba em Chapecó, 2018.



Fonte: Acervo da autora (2018).

Como o Magal é o momento de referendar o religioso Serigne Touba, as khassidas são recitadas durante a maior parte desta festa, portanto, as khassidas são textos que compõem o ritual desta festa, como representado nas imagens acima. De acordo com o estudioso do mundo árabe Albert Hourani, as khassidas têm origem na antiguidade. Ao analisar a língua e a escrita árabe, este estudioso descreve que a partir dos dialetos árabes surgiu uma linguagem poética (poesia), que se tornou comum às tribos/reinos de língua árabe. Era uma linguagem rítmica, elevada e rimada. E a forma poética mais desenvolvida e valorizada era *qasid*, “um poema de até cem versos, escrito numa das várias métricas aceitas e com uma única rima ao longo de todo ele” (HOURANI, 2007, p.25). Estes poemas chegaram até o tempo presente com conversões e normas linguísticas ou poéticas de cada época.

As khassidas (poemas) escritos por Amadou Bamba Mbacké tem uma tradição secular, e como ele era um estudioso da língua árabe e do islã, manteve a tradição e adaptou à sua época e suas vivências, deixando um legado que é difundido e estudado nas escolas corânicas pelos mourides, e como citado anteriormente, o ensino muçulmano nas escolas corânicas está ligado ao saber

religioso e prático-religioso com oralidade e escrita em árabe e que presenciamos na celebração do Magal.

É fato que estes imigrantes que professam o islã e cujas famílias são mourides passaram pequenos ou longos períodos de sua vida em escolas corânicas. É possível que alguns tenham estudado nas escolas corânicas e em escolas do Estado (modelo francês - *herança* do colonialismo), e neste caso conhecem o árabe, o francês e a língua de pertencimento étnico; outros estudaram somente em escolas corânicas, assim tem contato maior com a língua árabe e de seu pertencimento étnico e conhecem/sabem muito sobre sua religiosidade; e ainda aqueles que somente estudaram em escolas do Estado, mas que cotidianamente rezavam e cantavam com suas famílias, estes têm memorizado rezas, mas desconhecem a escrita e leitura em árabe.

Como nas escolas corânicas as crianças têm contato com a escrita e leitura em árabe direcionada aos preceitos religiosos e o grau de conhecimento sobre a religião é de acordo com o tempo de permanência nela, em Chapecó, a totalidade dos muçulmanos mourides que aqui vive, de uma forma ou outra, teve contato ou estudou em escolas corânicas. Na khassida Tazawudu Choubane (conselho a juventude) Amadou Bamba Mbacké escreveu: “Tenha quatro objetivos para a busca pelo conhecimento, a fim de alcançar a salvação pela justiça: o primeiro é sair da ignorância; o segundo, para ser útil ao criador; o terceiro, verificar/vivificar as ciências; e o quarto, a aplicação da ciência”<sup>18</sup>.

Ainda, o sentido e o significado da festa do Magal de Touba para os imigrantes vai além da religiosidade, pois os aproxima de sua terra natal, de suas famílias, dos cheiros e gosto dos alimentos, do diálogo, da vestimenta, do (re)encontro. É o momento de se distanciar do mundo laboral e de poder

---

<sup>18</sup> Ayez quatre objectifs au début de la recherche du savoir, afin d1 obtenir le salut par la Droiture: le premier, c'est de sortir de l'ignorance; le second, d'être utile aux créatures du Possesseur de la Majeste le troisiène, de vivifier les sciences, et le quatrième, l'apllication de la science. La connaissance: citations extraites des enseignement de Serigne Touba. (Disponível em [https://youtu.be/t8\\_mmmHjPw8](https://youtu.be/t8_mmmHjPw8). Acesso em: 05 out. 2019, tradução nossa).

expressar-se a partir de suas origens e viver por um dia o que os identifica culturalmente. Certamente isso os fortalece e diminui a distância e a saudade de seus familiares.

A alegria dos muçulmanos negros durante o Magal é refletida na solidariedade, na partilha dos alimentos, nas expressões corporais, nas orações e na continuidade dos ensinamentos do islã e de lembrar Serigne Touba. A homenagem ao fundador da confraria está também nos locais onde seus discípulos residem, suas casas, onde encontramos foto de Serighe Amadou Bamba e de outros califas chefes que o sucederam, das khassidas, do alcorão e um espaço reservado (tapete) às orações diárias.

### **Considerações finais**

As expressões culturais, e aqui com ênfase na religiosidade muçulmana negra, evidenciam as permanências e rupturas que perpassam as sociedades da África Ocidental. Podemos especificar que a chegada do islã e sua recepção no continente africano percorre por caminhos ligados às rotas comerciais no deserto do Saara, pela conversão de famílias nobres, no contato com religiões tradicionais, na construção de templos (mesquitas), na criação de irmandades, no surgimento de líderes, etc. Mas é fato que a cidade de Touba e o Grand Magal são exemplos que povos deste continente ao se converterem contribuíram para a propagação do islamismo africano.

O mouridismo (confraria do islã na África) traduz a religiosidade, o pertencimento étnico e cultural que repeliu o cristianismo numa possessão francesa. Representa para seus fiéis a luta contra o colonialismo cristão, onde as principais armas foram o Alcorão e as atitudes de Serigne Touba nos momentos que era exilado, quer seja mantendo sua fé, e a cada retorno seus seguidores aumentavam. Sua vida e seus ensinamentos - imaterial e material – compõem o legado que é cotidianamente propagado, quer em escolas corânicas, quer em

âmbito familiar. Contudo, são as escolas corânicas as principais responsáveis pelos ensinamentos do islã e do mouridismo.

O legado deste religioso perpassa indivíduos em suas diferentes temporalidades e espacialidades. Com a imigração de mourides para o Brasil nosso olhar é ampliado e entramos em contato, por exemplo, com os escritos e a recitação das kassidas, e isto significa que temos a possibilidade de vivenciar mais um fragmento da complexa historicidade dos povos africanos. E ainda, percorrer indivíduos e suas expressões culturais nos permite vê-los além das atividades laborais.

Professar sua fé, dialogar em sua língua de pertencimento étnico, usar vestimentas e preparar alimentos de suas ancestralidades está no campo das resistências, que os fortalece para continuar distante geograficamente de suas famílias, mas próximos de sua identidade cultural.

Os mourides em Chapecó são minoria na expressão religiosa e invisibilizados, assim como outros imigrantes, pelas estruturas políticas, econômicas, sociais e culturais locais. Mas, os imigrantes mourides ao introduzirem a celebração do Magal de Touba propõem novas relações sócio-culturais com a introdução de novos saberes com a comunidade local e auxiliam na ressignificação das imagens estereotipadas sobre o Islã africano. A escrita da história não está ocupada com grupos hegemônicos, e este é o argumento que nos faz adentrar neste complexo e significativo universo cultural africano, e que está presente em uma região de maioria de brancos e cristãos. E ainda, as narrativas sobre a islamização mouride e suas representações culturais fora dos contextos hegemônicos, como proposta alternativa para a descolonização epistêmica, impactam o colonialismo ocidental branco e fortalece/valoriza o conhecimento endógeno desses sujeitos.

Entrelaçar passado e presente na perspectiva de resistências significa dar voz e vida às expressões/manifestações das diversas comunidades africanas e afro-brasileiras que compõem a história do Brasil em diferentes temporalidades.

Por fim, citamos uma das falas proferidas em wolof no dia do Grand Magal e que representa a pertença na irmandade mourides: *Dieureu dieuf Serigne Touba – Obrigado Serigne Touba.*

## Referências

- AZEVEDO, Renan Giménez. A expressão na diáspora Mouride em Caxias do Sul. *Revista de Ciências Sociais y Religión/Ciências Sociais e Religião*. Campinas, v.22, 2020. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/csr/article/download/13320/8708>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- CLIFFORD, James. *Itinerarios transculturales*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2008.
- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- CROWDWER, Michael. A Primeira Guerra Mundial e suas consequências. In: BOAHEN, Albert Adu. *História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935*. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 319-352.
- DIOP, Majhemout. A África tropical e a África equatorial sob domínio francês, espanhol e português. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJIL, Christophe. *História geral da África, VIII: África desde 1935*. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 67-88.
- DIOUF, Mamadou; LEICHTMAN, Mara A. Introduction New Perspectives on Islam In Senegal. In: DIOUF, Mamadou; LEICHTMAN, Mara A. (org.). *New Perspectives on Islam In Senegal: conversion, Migration, Wealth, Power and Femininity*. New York: Palgrave Macmillan, 2009. p. 1-20.
- GUÈYE, Cheikh. *Touba: la capitale des mourides*. Paris: Karthala, 2002.
- HAMPATÉ BÂ, Amadou, A. Tradição Viva In: KI-ZERBO, Joseph. *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167 – 212.
- HERÉDIA, Vania (org.). *Migrações internacionais: o caso dos senegaleses no Sul do Brasil*. Caxias do Sul: Quatrilha Editorial, 2015.
- HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- JUNG, Philipp Roman. Desenvolvimento de processos migratórios do Senegal para o Brasil e suas alterações. In: TEDESCO, João Carlos. *Imigração senegalesa: múltiplas dimensões*. Porto Alegre: EST Edições, 2019. 2. v. p. 45-76.
- LOPES, Nei; MACEDO, José Rivair. *Dicionário de história da África: séculos VII a XVI*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- MARTY, Paul. *Études sur l'Islam au Sénégal*. Tome II: Les Doctrines et les Institutions. Paris: Ernest Leroux, Éditeur, 1917.
- MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de. (org.). *Etnografia e educação: conceitos e usos*. Campina Grande: EDUEPB, 2011.
- MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

- MEREDITH, Martin. *O destino da África: cinco mil anos de riquezas, ganância e desafios*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017;
- MIGNOLO, Walter. Desafios Decoloniais Hoje. *Epistemologias do Sul*. Foz do Iguaçu/PR, v.1, n.1, p. 12-32, 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/772>. Acesso em: 12 fev. 2019
- MOTA, Thiago Henrique. *História atlântica da islaminização da África ocidental: Senegâmbia, séculos XVI e XVII*. Minas Gerais, 2018. 373f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humans, Universidade Federal de Minas Gerais.
- NIANE, Djibril Tamsir. O Mali e a segunda expansão manden. In: NIANE, Djibril Tamsir. *História Geral da África, IV. A África do século XII ao século XVI*. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 133-192.
- OGOT, Bethwell Allan. A história das sociedades africanas de 1500 a 1800: conclusão. In: Ogot, Bethwell Allan. *História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII*. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 1057-1070.
- OLIVEIRA, Paulo César, CARREIRA, Shirley de Souza Gomes (org.). *Diásporas e deslocamentos: travessias críticas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.
- RABASA, Jeremías Pérez; FONNEGRA, Verónica Jaramillo. La criminalización de la migración y el rol de las transnacionales em los Países de Destino: el caso de los senegaleses em Barcelona y Buenos Aires. In: *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*. v. 13, n. 1, p. 107-139, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/repam/issue/view/1678/305>. Acesso em: 10 jul. 2021.
- REDIKER, Marcus. *O navio negreiro: uma história humana*. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- ROBINSON, David. *Les sociétés musulmanes africaines: configuration et trajectoires historiques*. Paris: Éditions Karthada, 2010.
- ROSSA, Juliana. *Cantos religiosos de senegaleses murides: escrita, leitura, poética vocal e performance*. Rio Grande do Sul, 2019, 173f. Tese (Doutorado em Letras) - Associação Ampla UCS-UniRitter, Universidade de Caxias do Sul.
- SKHO, Pape. *La migration sénégalaise, des réponses territorialisées à la mondialisation*. 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/328733999>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- TEDESCO, João Carlos. *Imigração senegalesa: múltiplas dimensões*. Porto Alegre: EST Edições, 2019. 2. v. p.
- TURCO, Angelo. Culture della migrazione e costruzione degli immaginari. *Semestrare di Studi e Ricerche di Geografia*. Roma - XXX, Fascicolo 1, 2018.
- VEINSTEIN, Giles; POPOVIC, Alexandre. *Les ordres mystiques de l'islam. cheminements et situation actuelle*. Paris: Éditions de l'École des hautes études em sciences sociales, 1985.
- VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.



VICENZI, Renilda; PICOLI, Bruno. Antonio. Uma cidade branca?: desafios para uma educação étnico-racial. In: BUENO, André; ESTACHESKI, Dulceli T.; SATLER, Carla F. (Org.). *Ensino de História e Etnicidades*. Rio de Janeiro: Sobre Ontens, 2020, 1. v. p. 31-37.

VILLALÓN, Leonardo. *Islamic society and state power in senegal: disciples and citizens in fatick*. Cambridg: Cambridge University Press, 1995.

Recebido em 05-05-2021.

Aprovado em 21-12-2021.